

Entrevista com Carla Rodrigues

Carla Rodrigues é professora do Departamento de Filosofia da UFRJ e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (IFCS/UFRJ). Membro da coordenação do projeto Epistemologias Feministas. Integra o GT Desconstrução, linguagem, alteridade da ANPOF, além do GT Filosofia e Gênero. Autora dos livros *Mulheres no ataque* (Planeta, 2003), *Brasileiras – Guerreiras da paz* (Editora Contexto, 2006) e *Betinho – Sertanejo, mineiro, brasileiro* (Planeta, 2007), *Duas Palavras Para o Femenino: Hospitalidade e Responsabilidade Sobre Ética Política Em Jaques Derrida* (Faperj, 2013).

Ensaios: Em primeiro lugar gostaríamos de agradecer o nosso convite nesse momento tão tenso em que estamos na política nacional, nas universidades públicas, na área das ciências humanas e do conhecimento. Mas desculpe o tom inicial, para darmos início, a sra poderia contar um pouco da sua trajetória de vida e acadêmica, acreditamos que ela vai ser bem importante em termos de construção de conhecimento a partir dos saberes que a sra vem construindo nos últimos tempos.

Carla Rodrigues: Agradeço a vocês o convite e a oportunidade. Acredito que é justo por causa do momento tenso pelo qual estamos passando na política nacional que nós, professores e professoras de universidades públicas, temos o dever de comparecer a público para cumprir o que me parece a nossa função mais importante no momento, a de intervenção social. Passando ao tema da sua pergunta, minha formação em Filosofia é tardia e começa no início dos anos 2000, quando eu já acumulava um percurso de ativismo feminista que me permitira conviver, conhecer e dialogar com grandes teóricas feministas brasileiras. Venho da militância buscar na academia respostas para questões que estavam sendo formuladas pelo pensamento pós-estruturalismo, em geral, e pela filósofa Judith Butler, em particular. Minha dissertação de mestrado, defendida em 2008, foi escrita em grande proximidade ao argumento de Butler de que era preciso pensar um feminismo que não fosse feito apenas em nome das mulheres. Foi, nesse sentido, um bom encontro, porque suas formulações teóricas faziam eco às minhas inquietações como ativista. Com uma pesquisa que buscava articular o pensamento pós-

estruturalista de Jacques Derrida com a apropriação que as feministas pós-estruturalistas estavam fazendo de suas críticas a uma certa filosofia humanista, centrada no homem como figura do humano, pude avançar em direção a temas como ética, hospitalidade e responsabilidade no doutorado. Tive o privilégio de ser orientada pelo professor Paulo Cesar Duque-Estrada, na PUC-Rio, pioneiro na leitura da filosofia de Derrida na filosofia, e sobretudo aberto a possibilidades de abordagens transdisciplinares, pensamentos em trânsito entre áreas afins. Acredito que o aprofundamento das minhas pesquisas na filosofia de Judith Butler têm servido para apresentar à filosofia o problema da transdisciplinaridade e, mais, retomar uma questão cara à teoria crítica, qual seja, a necessidade de fazer uma teoria que esteja comprometida com uma prática política. Nesse sentido, acredito que só se possa entender a teoria feminista como uma teoria crítica, em que prática e pensamento andam juntos. Nesse sentido, posso afirmar que, sem sombra de dúvida, minha aproximação com a filosofia de Walter Benjamin, que se dá ainda no final do doutorado e se aprofunda a partir de um pós-doutorado no IEL/Unicamp com o prof. Fábio Durão, foram fundamentais para que eu fizesse, seguindo os passos de muitas feministas pós-estruturalistas, uma ponte com a teoria crítica. Em 2013, ingressei como professora no Departamento de Filosofia da UFRJ e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, também na UFRJ, onde desde 2016, por iniciativa do então coordenador, professor Rafael Haddock-Lobo, criamos uma linha de pesquisa chamada “Gênero, raça e colonialidade”. Ter sido representante dessa linha no momento de sua criação e ser orientadora de discentes engajados em questões afins com o propósito da linha foi sem dúvida um fator decisivo para a consolidação das minhas pesquisas. Por fim, mas não menos importante, a aprovação, na Faperj, de um projeto de pesquisa dedicado à obra da filósofa Judith Butler, é o que me mantém ativa como pesquisadora apesar de todas as dificuldades que o cenário macropolítico nos oferece. Por fim, mas não menos importante, meu trabalho como tradutora tem contribuição fundamental no meu percurso de pesquisa.

Ensaio: Qual a relevância de ser tradutora de filosofia no contexto da pesquisa brasileira em filosofia hoje?

Carla Rodrigues: Havia um tempo, não muito distante, em que de fato só era possível filosofar em alemão. Quero dizer com isso que só era possível fazer filosofia a partir do

domínio pleno do idioma do autor pesquisado. Isso em parte ainda é verdade, porque há muitas traduções brasileiras nas quais ambiguidades e jogos de linguagem se perdem. Ora, se estamos, como argumenta o filósofo alemão Peter Sloterdijk, em um momento em que a filosofia só faz “descrições do mundo de segunda ordem”, isso quer dizer que a filosofia se faz *na* linguagem, que o pensamento filosófico habita a linguagem e é dentro da linguagem que estão as possibilidades de pensamento. Assim, de fato acredito que a lida com a tradução de textos originais nos coloca diante dessa experiência de pensar com a linguagem, e não mais conceber a linguagem como *puro meio* de transmissão de conceitos. Tive a oportunidade de traduzir dois títulos de Derrida: *Esporas* – os estilos de Nietzsche, em co-autoria com Rafael Haddock-Lobo, quando ambos estávamos trabalhando com esse texto, que foi publicado em português pela Nau editora. Em seguida, durante pesquisa de pós-doutorado, trabalhei com Flavia Trocoli na tradução de *Demorar*. Maurice Blanchot, editado pela UFSC. É um texto primoroso, sobre o qual nos debruçamos alguns anos. Essa experiência me permitiu aprovar junto ao CNPq um projeto de tradução de textos de Derrida que trazia para dentro da experiência acadêmica o trabalho de tradução. Discentes se dedicaram a traduzir textos de Derrida fundamentais para as suas pesquisas, o que muito nos orgulha. Por fim, mas não menos importante, estou trabalhando no projeto de tradução do *Vocabulaire européen des philosophies*, editado na França pela filósofa Barbara Cassin e coordenado no Brasil pelo professor Fernando Santoro. Trata-se de uma oportunidade de pensar sobre os problemas de tradução, questão que foi fundamental para autores como Walter Benjamin e Jacques Derrida.

Ensaio: Entre rastros e sonhos, Derrida tem uma marca na sua história, em que medida ele ainda acompanha o seu pensamento, hoje é um espectro ou fantasma? Qual o tipo de conjuração a sra produziu na sua relação com o filósofo magrebino?

Carla Rodrigues: Curiosa a sua pergunta se referir a Derrida como um fantasma. Acabo de escrever um artigo para uma edição especial da revista *Contexto Internacional* (PUC-Rio), comemorativa dos 25 anos da publicação de *Espectros de Marx*, e tive que me debruçar de novo sobre esse texto. Derrida foi e será sempre para mim um autor fundamental, não apenas por fazer parte decisiva da minha formação, mas por cada vez mais acreditar que a desconstrução, mesmo que não seja um método, é uma forma de

abordagem da tradição filosófica com a qual temos muito a ganhar. Dediquei meu texto ao problema daquilo que ele chama de *hauntologie* – um homófono de *ontologie* – porque me parece que esse é um problema que aponta para a nossa experiência colonial, nós que vivemos assombrados por aquilo que não somos e não podemos ser. Latinos sem poder ser europeus, indígenas sem poder (nem querer, a rigor) ser portugueses, mulheres assombradas pelos fantasmas de não serem “como os homens”, negros assombrados pela experiência diaspórica. Se tem algo que resume a minha dívida para com o pensamento de Derrida é o modo como ele radicaliza, na filosofia contemporânea, a concepção de alteridade, a qual espero estar sempre conjurando na minha filosofia.

Ensaios: Dança, marcha, gênero, ele não e revolução, em que sentido esses conceitos ou expressões compõem o seu pensamento, e qual a urgência de um outro vocabulário que desloque, ou quebre, o domínio do falocentrismo, no contexto da desconstrução?

Carla Rodrigues: De todas essas expressões, duas me são mais cara nesse momento: gênero e ele não. Primeiro, porque o conceito de gênero tem uma história como operador fundamental no enfrentamento do machismo estrutural das sociedades ocidentais e, depois, por acreditar que os problemas de gênero apontados por Butler há quase 30 anos, quando da publicação de *Gender Trouble* nos EUA (1990) ainda nos assombram. A rigor, o termo derridiano é falo-logocentrismo, ou falocentrismo, se formos mais econômicos, e tem a intenção de apontar para a intrínseca ligação entre o logos, a razão, o saber, e o masculino, o homem, aquele que diz a verdade. Nesse sentido, talvez o termo nunca tenha sido tão atual na sua possível articulação com “ele não”, se entendermos “ele” como todo aquele que encarna a figura de poder que tem a pretensão de retornar ao tempo em que na categoria de sujeito universal abstrato só cabiam os homens. Essa crítica pós-estruturalista e feminista é inescapável, um ponto do qual não se pode nem se vai poder retroceder. Para que chegássemos a esse ponto, alguns conceitos foram fundamentais, como gênero, já mencionado, e também a radicalidade do conceito de alteridade.

Ensaios: A sra se incomodaria de explicar mais sobre: a radicalidade do conceito de alteridade?

Carla Rodrigues: O conceito de alteridade não era novidade na filosofia quando Derrida o toma como questão. A rigor, poderíamos pensar que desde que Hegel escreveu a Fenomenologia do espírito, em 1807, estava em jogo o desejo de reconhecimento do eu pelo outro, a constituição da consciência de si a partir do seu reflexo no outro. A Europa da primeira metade do século XX é atravessada pelo tema da alteridade, e aí estão inscritas as releituras de Hegel na França por Alexander Koyré, Alexander Kojève e Jean Hyppolyte, bem como a crítica do filósofo lituano Emmanuel Lévinas ao pensamento de Heidegger como ainda preso a uma “mesmidade”, por maior que tenham sido as rupturas proporcionadas pela concepção de Dasein, do ser como aquele que não tem essência, só existência, ou ex-istência. A radicalidade de Derrida está em apontar como ainda eram insuficientes todas essas tentativas de o século XX pensar a alteridade, porque ainda mantinha os limites de quem poderia ser aceito como “outro”. Para apontar essa limitação ele propõe pensar a nossa relação com a alteridade como uma abertura pré-ética a todo outro que é totalmente outro.

Ensaios: Como tem sido suas experiências em sala de aula ao longo desses anos em termos de recepção dos estudantes sobre um pensamento feminino? É uma tarefa difícil? Em termos de abertura, mas, também, de formação, como a sra compreende a força transformadora do ensino de filósofas em sala de aula?

Carla Rodrigues: Tem sido na verdade gratificante participar da entrada do tema do feminino e do feminismo nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia. Percebo dois movimentos: o primeiro, de uma imensa curiosidade, que parte da pergunta “mas isso também é filosofia”. O segundo movimento, estranhamente, parte da mesma pergunta – “mas isso também é filosofia” – só que com o objetivo de desqualificar pensamentos, autoras e proposições que não apenas fogem ao cânone filosófico como também criticam sua pretensão de história única. Com tudo isso, no entanto, a maior força transformadora do ensino de filosofia hoje vem dos alunos e alunas que nos instigam, eu diria mesmo nos exigem outras abordagens, outros caminhos, outras autoras, outras chaves de inteligibilidade que nos permitam ler o tempo presente. Essa para mim é a maior e mais importante transformação, felizmente a

sala de aula deixou de ser um lugar em que o professor ou a professora chegam como donos do saber e se transformou num lugar em que só há possibilidade de troca.

Ensaio: Os dados estão lançados e o messias se tornou o ditador, como a sra compreende, acreditamos que não é uma fórmula mágica, nem é da ordem do cálculo, mas como a sra pensa movimentos de resistências e de abertura para uma sociedade mais justa, uma vez que ela caminha para o contrário disso. Em outras palavras, nesse momento, a partir de suas perspectivas, do seu pensamento, como a sra pensa uma condição de abertura para uma democracia por vir?

Carla Rodrigues: Acho que a primeira questão a trabalhar a partir da sua pergunta é a própria noção de democracia porvir, que me parece inseparável da ideia da autoimunidade da democracia. Autoimunidade aqui entendida como aquilo que faz com que um organismo vivo contenha em si mesmo os elementos para sua destruição. Só num regime democrático é possível eleger um presidente cujo discurso é contrário à democracia, essa é a aporia que Derrida nos legou com a noção de democracia porvir. Na minha perspectiva, no entanto, democracia é hoje um termo fraco, vazio, incapaz de significar a esperança de enfrentamento das desigualdades sociais, econômicas e raciais que assolam a nossa experiência política. A mim parece que é justo porque a democracia porvir nunca chegou a uma imensa parcela da população brasileira que o termo se esvazia de qualquer significação. Não acredito que se possa mobilizar políticas de resistência tendo a defesa da democracia como palavra de ordem. É preciso reinventá-las, as palavras. E nessa reinvenção eu também eliminaria o uso do significante “resistência”, que a mim evoca, na melhor das hipóteses, as brincadeiras infantis de “cabo de guerra”. Na pior hipótese, penso no conceito de resistência na psicanálise - sobre o qual Derrida publicou um livro intitulado “*Resistances*” - e que aponta para uma impossibilidade. Também não acredito que seja pelo caminho da resistência que vamos conseguir reinventar o campo político.

Ensaio: Em tempos de *fake News*, Terra plana, pós-verdade e muita má fé, qual o papel de uma filósofa da desconstrução, onde a política declarou guerra ao conhecimento?

Carla Rodrigues: Acredito que uma das tarefas fundamentais é discernir, no sentido crítico do termo, o que o pensamento da desconstrução tem a oferecer, do que é o projeto de destruição que se apresenta hoje ao Brasil como um caminho. Destruir não é desconstruir, destruir não é nada mais do que desejar um passado imaginário, no qual a ordem estabelecida teria sido capaz de responder aos anseios e necessidades de uma parcela da população. Talvez a nossa primeira tarefa seja apontar para o fato de que é essa a maior fake News do momento, a crença num passado justo e perfeito, no qual a vida teria sido muito melhor porque ordenada, organizada, assentada sobre preceitos morais que se perderam. Pois bem, essa é a grande mentira que está sendo contada, sobretudo se consideramos que a nossa principal tarefa ética ainda é ser capaz de sustentar um pensamento crítico em relação ao que significa e a que serve a categoria de humano. A mim parece que não há maior preceito moral do que esse, o reconhecimento de todas as vidas que ainda não importam como vidas ou, para falar como Derrida, a abertura pré-ética a todo outro que é totalmente outro.